

## ATIVIDADES DE POLIDEZ NAS (SÓCIO)INTERAÇÕES EM SITUAÇÃO DE SEMINÁRIO: UM ESTUDO DE FACES

Ana Cecylia de Assis e Sá ( UFCG/REUNI)

[anacecylia@gmail.com](mailto:anacecylia@gmail.com)

Aloísio de Medeiros Dantas (Orientador/UFCG)

[aloisiomd@yahoo.com.br](mailto:aloisiomd@yahoo.com.br)

### Introdução

No campo educacional há diversas pesquisas que abordam o uso e funcionamento do gênero oral seminário, bem como podemos verificar a existência de estudos relacionados à teoria da polidez aplicada aos variados gêneros da esfera social. Por um lado, quando se trata do seminário, estes estudos não passam de uma abordagem no âmbito escolar (ensino fundamental e médio), restringindo-se ao ensino de uma prática que há muito tempo vem sendo questionada por uma provável ineficácia, pois, na maioria das vezes, o gênero é utilizado de forma artificial e não como uma técnica de ensino socializado (VIEIRA, 2007). Por outro lado, apesar de ser recorrente o uso da teoria da polidez para a análise de gêneros diversos, sejam eles orais ou escritos, sentimos a necessidade de articular esta teoria ao contexto de seminário, não só analisando a existência ou não de estratégias de polidez neste contexto, mas observando como os sujeitos agem discursivamente. Assim, a tentativa é a de fazer um estudo acerca de fatores que estão subjacentes ao seminário: a interação face a face e a linguagem.

Diante deste contexto, este artigo tem como objetivo geral analisar como as estratégias de polidez interferem na construção do discurso dos participantes do evento comunicativo *seminário*. Os objetivos específicos desta análise são, em primeiro lugar, demonstrar a forma com que as estratégias de interação utilizadas pelos participantes do contexto de seminário contribuíram para a construção de um discurso em situação de conflito. Em segundo lugar, verificar uma das vertentes deste processo de seminário — a da relação de poder/submissão que se estabelece neste meio — visando compreender de que forma esta relação pode favorecer ou prejudicar o contexto de seminário.

Partindo destes objetivos, será adotada, primordialmente, a noção pragmática de polidez, com a “teoria da polidez linguística”, aperfeiçoada por Brown e Levinson (1987). Esta escolha justifica-se pelo fato de que, em um contexto interacional, qualquer participante tentará evitar atos de ameaça ou contornar a situação, através de estratégias de negociação da imagem, minimizando suas ameaças, caso as tenha cometido; e salvando sua face, caso tenha sofrido algum tipo de ameaça. Como reforço para a justificativa de utilização desta teoria, temos Goffman (1985) afirmando que o simples fato de os indivíduos entrarem em contato provoca um desequilíbrio das faces e, por essa razão, a interação em si constitui uma atividade de proteção à face. Enfocaremos, ainda, a noção de Gêneros Enunciativos, visto que a noção de seminário só será compreendida quando lançarmos mão das teorias dos gêneros.

Considerando-se que a análise deste trabalho é baseada em um *corpus* cujo processo interacional é o gênero oral seminário, e que os participantes deste processo são graduandos do segundo período de um curso de licenciatura em Letras, é fundamental reconhecer o seminário como um evento de sala de aula; e os graduandos como futuros professores, que devem começar a se reconhecer como tal, uma vez que se encontrarão à frente de um grupo, transmitindo conteúdos e manuseando todos os artifícios para a eficácia do evento (como os aspectos verbais) e que, vez ou outra se

encontrarão em situações de conflito, com suas faces ameaçadas. Nesse contexto, segue a questão: (1) Que estratégias de polidez os participantes do contexto de seminário utilizam para a construção de um discurso em situações de conflito com o outro?

## 1. Gêneros enunciativos

Todas as práticas de linguagem se dão por meio de enunciados, ou seja, por meio de algum gênero discursivo. Desta forma, vale, primeiramente, explicitar o conceito de “enunciação”. Bakhtin (1997, p. 112) define este termo como “um produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”, mesmo que o interlocutor real seja um “representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor”. Como complemento a esta definição, Bakhtin esclarece que “a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora de um vínculo com a situação concreta” (1997, p. 124). Utilizando outras palavras, o sentido de uma forma linguística é determinado no contexto de enunciações precisas, uma vez que “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente a estrutura da enunciação.” (p. 113).

Assim, entende-se que, quando um sujeito interage verbalmente com outro, o discurso é organizado a partir das finalidades e intenções do locutor, dos conhecimentos que acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e suas convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que têm, da posição social e hierárquica que ocupam.

Dando sequência a esse raciocínio, ressalta-se que, no campo de estudos da apreensão do sentido “real” dos enunciados, não se pode perder de vista a conscientização “da existência, em cada texto, de diversos níveis de significação. Isto é, (...) além da significação explícita, existe toda uma gama de significações implícitas, muito mais sutis, diretamente ligadas à intencionalidade do emissor” (KOCH, 1996, p. 160). Isso implica dizer que as interações verbais não ocorrem fora de um contexto sócio-histórico-ideológico e, sendo assim, a interpretação de enunciados exige do interlocutor não apenas uma interpretação semântica, mas uma análise do contexto, ou seja, exige dele um procedimento pragmático (MAINGUENEAU, 2004, p.29).

Todas as práticas de linguagem se dão por meio de enunciados, ou seja, por meio de algum gênero discursivo. Para Bakhtin (2003, p. 262-263):

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (...). A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (...) cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso.

Em outras palavras, ao contemplar os gêneros e suas intenções como objeto de ensino, faz-se necessário considerar os aspectos do processo de interação verbal, assim como propõe esta pesquisa, sugerindo a observação de estratégias que preservem as

faces dos interlocutores de um discurso. Sendo assim, as características da situação de produção serão (re) construídas: quem é o enunciador, em que papel social se encontra; a quem se dirige; em que papel social se encontra o interlocutor; em que local é produzido, em qual instituição social se produz e circula; em que momento; em qual suporte é publicado; com qual objetivo, finalidade; em que tipo de linguagem; em qual gênero o discurso se organizará.

À luz do sociointeracionismo, segundo Bronckart (2008), “a linguagem é, primeiramente, sobretudo, uma atividade (social) específica, ou uma atividade do discurso.” (p.70) Desta forma, Bronckart (2008) afirma que os sujeitos agem discursivamente através da linguagem. Nas suas palavras:

“A linguagem se manifesta concretamente como uma atividade humana particular e facilmente identificável (fala ou discurso). Além disso, essa atividade é sempre a de falar a um outro e, portanto, a essência da linguagem se mostra no diálogo [...], isto é, a linguagem está estreitamente relacionada ao que os interlocutores têm em comum. (p. 72)

Em consonância com o que afirma Bronckart (1999), a concepção bakhtiniana aponta que a linguagem passa a ser fundamentalmente um acontecimento dialógico, a partir do momento que inclui a interação entre sujeitos como elemento fundamental. Concomitante a esta perspectiva encontra-se a de que nos sujeitos envolvidos nas interações, por serem sócio-historicamente constituídos, ecoam diversas vozes na sua produção discursiva.

Vistas algumas concepções em relação aos gêneros enunciativos e à noção de discurso, trataremos, nos próximos tópicos, de conceitos fundamentais à análise dos dados da pesquisa.

## **2. A noção de face**

A interação social, à luz dos estudos de por Goffman (1985), acontece face a face e pode ser definida como uma influência em que há reciprocidade entre os indivíduos, quando em contato físico e, na maioria das vezes, instantâneo. Assim, parafraseando Goffman (op. cit.), uma interação pode ser compreendida como toda ação que ocorre em qualquer ocasião, quando num aglomerado de indivíduos uns se deparam com a presença imediata de outros através de representações “teatrais”.

Deste modo, a partir desta noção de interação percebemos que todos são interpretes que manipulam a emissão de gestos, as faces e as ações com intenções próprias e por influência do meio social, ou seja, da representação do outro e do eu na sociedade. Assim, cabe-nos apresentar, de forma mais precisa, a noção atribuída às “faces” no contexto da interação entre sujeitos.

O conceito de face foi caracterizado por Goffman (op.cit.), de acordo com as necessidades e desejos de cada participante de uma conversação. Ele estudou procedimentos de preservação da face, pois, segundo este autor, quando se entra em contato com o outro, tem-se a preocupação de preservar a auto-imagem pública. A essa auto-imagem, Goffman dá o nome de face. Portanto, segundo Goffman (1985):

“Pode definir-se o termo *face* como o valor social positivo que uma pessoa reclama efetivamente para si por meio da linha que os outros supõem que ela seguiu durante determinado contato. A *face* é a imagem da pessoa delineada em termos de atributos sociais aprovados, ainda que se trate de uma imagem que outros podem compartilhar, como quando uma pessoa enaltece sua profissão ou sua religião graças a seus próprios méritos.” (p. 13)

Referindo-nos à noção de *face*, vale salientar que todo ser humano, materializado como sujeito, vive em um mundo social, no qual se encontra em contato com outros sujeitos. Por meio desses contatos, é levado a exteriorizar, por representações e linguagem, uma imagem de si. Desta forma, através da linguagem pode-se analisar a imagem social que determinado sujeito em observação tem de si mesmo nos momentos de interação e a imagem que os outros, centrados no exterior, têm dele (FERNANDES, 1999).

### 3. A noção de Polidez

A polidez é uma forma de comportamento humano. Embora exista uma série de diferenças interculturais concernentes à manifestação formal, as normas de polidez regulam o comportamento humano (HAVERKATE, 1994, apud ANDRADE, 2007). Devido a essas diferenças e aos constantes riscos de conflitos presentes nas interações sociais, as sociedades mantêm formas de polidez que visam sustentar a harmonia e evitar dissentimentos, ainda que o uso dessas estratégias se diferencie em cada cultura. Assim, a polidez é um instrumento a serviço dos interlocutores, com fins estratégicos na comunicação, de modo que se pode observar certa intencionalidade na sua manifestação ou sua ausência.

Através das contribuições de Brown e Levinson (1987), nota-se que, na manifestação de estratégias de polidez de um ato de fala, a distância social é um fator determinante, ou seja, a polidez aumenta, proporcionalmente, se é maior a distância entre o falante e o ouvinte.

As realizações das estratégias da polidez linguística desenvolvida por Brown e Levinson (op. cit.) partem da premissa descritiva de superestratégias, que são: polidez positiva, *on Record*<sup>1</sup>, polidez negativa e *off Record*<sup>2</sup> como recursos de análise das expressões verbais dos atos de ameaça à imagem, de acordo com uma determinação racional do risco da imagem e as escolhas dos enunciados comunicativos entre os participantes. Tais estratégias são baseadas na “aproximação” do falante ao ouvinte (positiva) e no fato de evitar os conflitos em uma espécie de “fuga” (negativa). Ao usar a polidez positiva, o falante procura o acordo com seu ouvinte. Isso pode ser feito, demonstrando-se o interesse pelas coisas do interlocutor, a simpatia por ele, manifestando-se os interesses e conhecimentos comuns por pertencer ao mesmo grupo. As estratégias da polidez negativa procuram evitar conflitos e se dirigem à *face* negativa do interlocutor. Entretanto, essas estratégias costumam ser mais indiretas (embora mais raramente também possam ser diretas) e incluir modalidade verbal, tautologias, elipses,

---

<sup>1</sup>Quanto menor o risco, mais direto será o ato comunicativo (denominado *on record*).

<sup>2</sup>Quanto maior o risco, mais indireto será o ato comunicativo (denominado *off record*).

metáforas, ironias, ambiguidades, enfim, vários tipos de expressões “evitadoras de conflito” específicas a outros meios para minimizar a imposição.

Sabemos que o conceito de comportamento cortês é relativo, pois pertence a diferentes tradições culturais. Assim, a cortesia, ou polidez, nunca se concretiza de maneira unívoca. As estratégias de cortesia focalizam um ou outro aspecto da imagem social do outro. Além disso, essas estratégias são convencionalmente reguladas. A incidência de uma ou outra estratégia e o peso relativo delas pode variar, dependendo do tipo do contexto e também da cultura. Decorre disso que os procedimentos específicos que constroem e conceitualizam a imagem social não são constantes. Assim, as imagens sociais se constroem de forma diferente em íntima conexão com as diferenças de uso das categorias pragmáticas e as regras de cortesia, mas as razões que subjazem a essas diferenças transcendem o âmbito do linguístico e tem a sua base em determinadas características significativas da estrutura social (BROWN E LEVINSON, 1987).

O contexto, as intenções e a competência comunicativa, nas perspectivas dos estudos linguísticos, são ingredientes teóricos imprescindíveis na geração dos significados discursivos para que os interlocutores realizem o processo de compreensão e interpretação dos enunciados, os quais constituem a base da linguagem em uso no contexto situado do processo comunicativo (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). Diante disso, partimos da premissa de que é necessário definirmos o que se conceitua e quais os elementos integrantes do contexto, para que possamos explorá-lo nas análises em situações de ameaça nas interações comunicativas organizacionais.

#### **4. Metodologia**

Sabendo que existem vários modos de fazer pesquisa, cada modalidade supre as necessidades do pesquisador em situações distintas. No âmbito educacional, por exemplo, cada tipo de pesquisa torna-se suporte para que o professor pesquisador entenda suas práticas, reconhecendo melhor o seu aluno, os documentos que utiliza e a sala de aula de um modo geral.

Desta forma, o estudo aqui proposto é de base descritivo-interpretativista, uma vez que a geração dos dados dará margens a inúmeras interpretações. Podemos dizer, ainda, que esta pesquisa melhor se enquadra na modalidade de pesquisa participante, baseada em estudos pragmáticos, cujo objeto de estudo serão os ‘atos languageiros<sup>3</sup>’ em realizações de seminário, executados tanto pela equipe responsável por expor os conteúdos previstos, quanto pelo professor e demais participantes da turma.

Quando nos referimos à pesquisa participante, tratamos daquela que tem um enfoque investigativo social, por meio do qual se busca a participação do observador no grupo analisado. No caso da investigação aqui proposta, o observador é tutor da disciplina e já faz parte daquele grupo, portanto, poderá ser protagonista de alguns contextos específicos, materializando-se como o professor da turma, quando o professor titular planejar atividades nesse sentido. Este fato demonstra que, ao invés de se manter a distância entre o pesquisador e o grupo que vai ser examinado, propõe-se a interação - momento em que o observador trabalha com o grupo escolhido, a fim de experimentar ações num processo de conhecer e agir. (LAKATOS; MARCONI, 1991)

---

<sup>3</sup> O termo “atos languageiros” será utilizado para referir-se ao fato de utilizar a língua falada e escrita para comunicar-se e como forma de não haver ambiguidade com a “Teoria dos atos fala”, proposta por Austin (1962).

Os seminários ocorreram na disciplina “Prática de leitura e produção textual - II” (PLPT II), no curso de licenciatura em Letras, da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) e foram gravados em áudio, com duração máxima de 30 (trinta) minutos para a apresentação da equipe responsável, podendo haver oscilação em poucos minutos para mais ou para menos. Após a apresentação, houve a fase de auto e de heteroavaliação. Nessa fase, cada participante do evento podia tecer algum comentário avaliativo e até mesmo fazer perguntas que viessem a esclarecer melhor os conteúdos transmitidos. Passados quinze ou vinte minutos de troca de ideias sobre a apresentação e apontamentos preparatórios para a escritura do relato reflexivo, cada sujeito fez reflexões, críticas e apresentou conclusões, levando em consideração o conteúdo exposto e o desempenho da equipe apresentadora.

Tivemos, nas gravações coletadas, vários sujeitos envolvidos nesta pesquisa: a equipe/grupo, que chamamos de “sujeito plural”; o professor da disciplina, que na maioria das vezes ficou silenciado, uma vez que estava analisando a desenvoltura (postura, domínio de conteúdo, envolvimento etc.) do sujeito plural; os alunos com voz, aqueles que em algum momento do evento participaram da interação, fazendo comentários e perguntas no momento reservado ao debate; os alunos sem voz, que ficaram apenas “submissos” à apresentação do sujeito plural; uma dupla de monitores da disciplina, que cumpriram um papel de ouvinte, auxiliando ao professor no momento de; e, por fim, o tutor, desempenhando o papel de observador/participante.

A análise deste trabalho é baseada em um *corpus* cujo processo interacional é o gênero oral *seminário*, composto por gravações de seminários em forma de áudio e Os participantes deste processo, por sua vez, são graduandos do segundo período do curso de licenciatura em Letras. Assim, de um lado será fundamental o reconhecimento do seminário como um evento de sala de aula; e de outro, o reconhecimento dos graduandos como futuros professores, que devem começar a se reconhecer como tal, uma vez que se encontrarão à frente de um grupo, transmitindo conteúdos e manuseando todos os artifícios para a eficácia do evento.

Pensando no evento comunicativo tomado como *corpus* desta pesquisa (o seminário), serão observados os seguintes fatores composicionais da interação face a face: a) ameaças; b) negociação de ideias; c) posicionamentos; d) pedidos; e) ordens; f) perguntas; e, g) recusas. A análise de todos esses fatores só será possível se, nesse jogo interativo, além de outras questões, for analisada a polidez.

A polidez será (pré) analisada, pois, de acordo com os estudos desenvolvidos por Robin Lakoff (1998) sobre as “Máximas de Competência Pragmática”. Tendo em vista o papel da polidez na interação, a análise comportamental e interacional dos sujeitos no contexto de seminário será feita através das três sub-máximas de Lakoff (1998). Ainda tratando da base metodológica, observaremos em todas as situações do contexto de seminário, a ocorrência, ou não, das quatro categorias de atos de ameaça à face.

Após uma observação intensa dos dados coletados (gravações em áudio dos seminários e relatos reflexivos) e a partir da delimitação dos procedimentos e sub-categorias de análise acima mencionados, elegemos como categorias de análise três situações de ameaça ou preservação das faces envolvidas na interação que observamos terem sido mais recorrentes durante todo evento, a saber: crítica; ironia e preconização:

CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS DADOS	
CATEGORIAS	SITUAÇÃO DE CONFLITO

<b><i>Crítica</i></b>	O espectador não aceita a apresentação realizada e propõe outras maneiras de posicionar-se sobre o conteúdo.
<b><i>Preconizações</i></b>	O espectador, a fim de preservar sua auto-imagem pública e de amenizar a situação, utiliza-se de comentários positivos, livrando, também, seu interlocutor da perda da face.
<b><i>Ironia</i></b>	O espectador, ou mesmo o apresentador, utiliza-se do riso como forma de desestabilizar quem apresenta, no caso do espectador; e como forma de se auto-afirmar-se, no caso do apresentador.

**Quadro 1 – Categorias de análise**

Por fim, para uma melhor compreensão dos nossos dados, no momento de análise, consideramos pertinente criarmos algumas legendas que indicam os sujeitos envolvidos no evento. Portanto, no decorrer da análise nos depararemos com as seguintes siglas:

<b>SIGLAS</b>	<b>SUJEITOS ENVOLVIDOS</b>
<b>PA</b>	Professor avaliador
<b>Tr</b>	Tutor
<b>Pl</b>	Plateia
<b>Mt</b>	Monitores
<b>A(A1, A2, A3...)</b>	Apresentador

**Quadro 2 - SIGLAS**

## **5. Ameaça/preservação de faces em seminário: uma análise**

Neste tópico apresentamos a análise dos dados, gerados na observação participante, à luz das categorias de análise já ressaltadas: *crítica*; *preconização* e *ironia*. Além disso, verificaremos em nosso *corpus* a validade e a aplicabilidade do referencial teórico visto no capítulo em que lançamos mão dos fundamentos teóricos norteadores desse trabalho.

### **5.1 Crítica**

Tentaremos, nessa categoria de análise, proporcionar alguma orientação quanto ao real sentido do termo crítica, tendo em vista que, o seu emprego, em alguns momentos, pode, ou não, ter a devida conotação indicada pela ciência, que é o de questionar, sentir as dificuldades de alguém, e mostrar os caminhos corretos. Em face do exposto, iniciaremos nossa análise, a começar pelo exemplo que abaixo segue:

- (1) *Talvez o grande problema das escolas hoje em dia e até há algum tempo atrás, seja esse, por que o professor não leva o aluno a pensar, o professor já dá a ideia e quer que o aluno siga a sua ideia e quando o aluno (é) e quando é pedido para o aluno pensar e refletir sobre alguma situação e colocar a sua opinião, o aluno não tem essa opinião formada.* (grifo nosso)

No trecho acima, A2 começa sua fala com o uso de um termo que consideramos modalizador (“talvez”), talvez para tentar atenuar uma provável ameaça que se seguisse. Com o uso desse modalizador, dizemos que A2 feriu a máxima de relevância proposta por Grice (1982), quando pressupõe algo, ao utilizar o termo “talvez”, sem deixar que o interlocutor percebesse sua real intenção, que era a de criticar.

Apesar dessa tentativa, logo após surge a ameaça às faces positivas de professores e alunos, ao enfatizar que estes não incentivam àqueles a pensar e a desenvolver suas ideias, muito menos a refletir e formalizar uma opinião. Ora, essa fala de A2 pode ter a função de polemizar assunto discutido, esperando uma resposta ainda mais polêmica, já que um evento como o seminário, em que há confronto de opiniões e debate de pontos de vista, pode gerar mais discussões e torna-lo mais efetivo.

Visivelmente A2 tenta extrair dos interlocutores alguma opinião ou gerar discussões; como isso não acontece, o mesmo continua a opinar, dando sugestões e tecendo outros comentários ameaçadores das faces alheias.

- (2) *Primeiro, o professor tem que construir um espaço interativo com a sala, por que se esse espaço não acontecer, as aulas vão ser meio que **jogadas ao vento**, por que **vai entrar por um ouvido** o que ele disser e **vai sair pelo outro** e não vai ficar nada armazenado na memória. **É como se fosse**, eu tenho a obrigação de fazer isso, por isso que eu participo das aulas, mas em nada está me servindo.”* (grifos nossos)

Ao continuar os comentários e críticas, já que outra pessoa da equipe ou da plateia não o fez, A1 opta por utilizar uma linguagem bastante metafórica, por isso abstrata. O uso de uma linguagem obscura, metafórica, viola a máxima conversacional do modo (GRICE, 1982). A escolha dessa forma de linguagem pode ser justificada pela tentativa de deixar ao outro a responsabilidade de interpretação, evitando comprometimento, ou até mesmo numa tentativa de transformar sua fala em senso comum, caso todos que participassem do evento conhecessem as metáforas e os ditos populares utilizados.

Nesse momento do evento, entendemos que A2 utiliza também um indicador de incerteza, para atenuar os efeitos negativos que sua fala pode ter, ao dizer “**meio que jogadas ao vento**”, “**É como se fosse**” (grifos nossos). A metáfora é, segundo Brown e Levinson (1987), mais um recurso de polidez indireta que os falantes devem utilizar quando não querem ser responsabilizados por enunciados comprometedores, deixando ao ouvinte o papel interpretativo. Neste fragmento, A2 fere, como enfatizamos anteriormente, a máxima do modo, gerando uma implicatura, quando cita metáforas, ou



ditos populares: “jogadas ao vento” e “vai entrar por um ouvido (...) vai sair por outro”, implicatura esta que faz questão de explicar posteriormente: “É como se fosse, eu tenho a obrigação de fazer isso, por isso que eu participo das aulas, mas em nada está me servindo.”

## 5.2 Preconização

Percebemos, em alguns momentos da análise, que o elogio é uma ferramenta basicamente educacional, uma prerrogativa utilizada também para motivar pessoas e enaltecer as suas faces positivas, aumentando, assim, sua auto-estima ou corrigindo algum defeito. No âmbito do evento seminário, supomos que não apenas o elogio faz é modelo de preconização, mas o simples fato de ser cortês e educado mediante o público garante que a situação seja preconizada. Pautados nessa cordialidade, cortesia, na vontade de ser aceito, elogiado e na busca por concordância por parte dos ouvintes, realizaremos a análise dessa categoria, a começarmos pelos primeiros e saudosos exemplos:

- (1) A1: *Queria dizer, **primeiramente, boa noite!*** (S1)
- (2) A3: *Gente, **boa noite!** Como Áurea já falou a maioria das coisas, eu vou bem ligeirinho!* (S1)
- (3) A4: ***Boa noite, pessoal.** Dando continuidade ao resultado da pesquisa, feita por ela, eu vou ficar com as últimas partes, seria: a sexta área, a sétima e a oitava.* (S1)

Alguns usos de on record são recorrentes e necessários em qualquer língua, como é o caso das saudações iniciais, ou de chegada, “bom dia!”, “boa noite”, por exemplo. Notaremos que essa estratégia será relevante a alguns momentos da análise, uma vez que, em se tratando de um evento como o seminário, espera-se encontrar alguns direcionamentos com uso de ênfases que chamem a atenção da audiência para um ponto específico ou súplicas de desculpas, por exemplo.

Observamos, nesses exemplos, a preocupação que A1, A3 e A4 tiveram de não serem julgadas de maneira negativa por seus avaliadores (plateia), optando por salvar a face (ou preservar a face) antes mesmo que ela fosse ameaçada, isentando-se, o quanto possível, da responsabilidade por eventuais ameaças nos primeiros instantes da apresentação. Para tal, esses apresentadores demonstram bastante educação e respeito pela turma, ao utilizarem, em primeiro lugar, o termo “boa noite”.

A ideia de expor a face certamente inibe os apresentadores nos primeiros passos da apresentação, dando lugar a uma postura mais fiel enquanto expositor e mais confiante em relação ao meio, visto que, naquele momento, são (ou pelo menos deveriam ser) detentores do saber e do poder, no lugar do professor, que desempenha o papel de ouvinte e avaliador. Por isso, o simples uso da saudação inicial faz com que a situação seja preconizada e a tensão inicial seja aliviada, garantindo preservação da auto-imagem pública de A1, A2 e A3 que seguem a apresentação do conteúdo. Ainda entendemos que essa é uma atitude que garante uma boa avaliação por parte do professor, tutor e monitores, que certamente observam cada detalhe relacionado à postura e à formalidade do evento.

Além disso, as suas falas cumprem essencialmente com a terceira submáxima de Lakoff (1998), que nos pede para que façamos nosso ouvinte se sentir bem, geralmente

utilizada em situações em que o falante tenta garantir um grau de proximidade com o seu ouvinte.

Se pensarmos no modelo tradicional de seminário, seja ele escolar ou acadêmico, a saudação inicial deve fazer parte de um ritual que garante respeito e educação perante os espectadores, e espera-se que cada apresentador, ao iniciar sua fala, transmita uma saudação à plateia. Por isso, A1, A3 e A4 iniciam suas falas de maneira tal, diferentemente de A2, que preferiu prosseguir a explicação, sem que a plateia fosse saudada por ela. Ora, não podemos acusar A2 de mal educada, pois acreditamos que, naquele momento, a saudação não foi sua escolha, optando por seguir o curso do conteúdo. Essa escolha de A2 pode ter soado de forma negativa, mas, se isso de fato aconteceu, não surgiram rumores mediante a turma.

### 5.3 Ironia

Usar um recurso irônico pode ser o ato de escolher uma forma menos agressiva para significar algo do que diretamente culpar ou até elogiar. Portanto, é neste ponto onde reside o fato de que a ironia é identificada como uma estratégia de polidez e de preservação da face (Brown&Levinson, 1987). Em contrapartida, em alguns momentos do evento tomado como corpus desse estudo, observamos que ao utilizar discursos irônicos os falantes põem em jogo suas faces positivas e as faces positivas dos interlocutores, pois, a ironia também pode ser vista como forma de agressão verbal, crítica destrutiva ou como forma de se desfazer diretamente do ouvinte, conforme os exemplos abaixo:

- (1) A1: *E aí, ela vai colocar assim, (nessa) nessa primeira parte, que onde é necessário falar a verdade, ela vai na sala de aula, perguntar aos alunos e ela (ela) fala que na escola particular, foi bem mais fácil fazer essa experiência, **por que o número de estudantes por sala é reduzido, não sei por que, né?** (grifo nosso)*
- (2) PA: *Então quem tiver algum questionamento a fazer, alguma observação, pode fazer agora, viu?*  
A3: ***Esse povo é muito inteligente, professor, já sabe de tudo (risos).** (grifo nosso)*

No exemplo 2, a fala de A2 ameaça as faces positivas dos seus ouvintes, ao utilizar o questionamento “não sei porque, né?”, no momento em que menciona o número de estudantes por sala, nas escolas particulares. Consideramos que este questionamento esteve acobertado por um léxico de carga bastante pejorativa, que põe em jogo a moral e a intenção das escolas privadas, ao selecionarem uma quantidade menor de alunos para cada sala de aula. Com essa mesma fala, A2 deixa vulnerável sua própria face positiva, por demonstrar uma despreocupação com a face de outras pessoas, e por não utilizar de estratégias de polidez para atenuar os efeitos dessa ameaça.

A2 partiu da premissa que todos já deviam saber o motivo pelo qual as escolas colocam menos alunos nas suas turmas. A nosso ver, esse pequeno número, como bem aponta Passarelli, não é algo negativo a ser ressaltado, muito pelo contrário; acreditamos que o motivo é louvável, pois com poucos alunos em sala de aula o professor pode desempenhar uma atividade mais direcionada e específica para cada sujeito, favorecendo, assim, o ensino e a aprendizagem. Portanto, essa ironia desencadeada por A2 também pode ser vista como uma crítica, já que põe em jogo a veracidade de um fato.

O exemplo (2), por sua vez, também demonstra uma ocorrência de ironia, mas dessa vez na fala de A3. Ao final das apresentações, PA enfatiza que a plateia pode fazer algum questionamento ou tirar alguma dúvida, caso necessário e, retrucando o que disse PA, A3 utiliza um discurso claramente irônico, ao dizer “esse é muito inteligente (...) já sabe de tudo”. A3 usa de ironia, fazendo uma insinuação a respeito da inteligência dos componentes da plateia, deixando saídas para outras interpretações. Ao ser irônico, A3, segundo Brown e Levinson (1987) fere a máxima da qualidade de Grice (1982), por isso deixa de ser cooperativo, gerando uma implicatura, que deve ser interpretada pelos ouvintes da seguinte forma: eu digo o contrário do que gostaria dizer, portanto, esse povo não é tão inteligente o quanto parece. Utiliza, portanto, de polidez indireta, para não se comprometer de forma muito explícita com o que fala.

## Conclusões

Por se tratar de um contexto específico e direcionado, como é o do seminário, os interlocutores desse evento buscaram agir verbalmente, de acordo com determinados ‘modos de comunicação’, como ter discernimento, ser simpático, modesto e generoso, buscar concordância e aprovação em relação ao outro, mas também, por vezes, não se preocuparam com o papel por eles desempenhado e foram rudes, pouco polidos e, se ainda mais podemos dizer, inconvenientes. Isto posto, a grande quantidade de estratégias de polidez de diferentes modos e ordens, e também a produção de vários atos de ameaça/preservação às faces dos participantes do evento comunicativo – seminário – encontrada nos nossos dados, permitiu-nos constituir um vasto e diversificado campo de análise.

Acabamos por perceber, através dos exemplos veiculados para a categoria crítica, que muitos dos participantes do evento seminário pensam que criticar é falar mal de alguém, ou diminuir a imagem e o seu trabalho; outros imaginam que fazer críticas é sempre se opor a alguma coisa, pelo fato de ser contra. Em contrapartida, também observamos que ainda existe, nesse evento, a preocupação por preservar a imagem alheia, utilizando-se de termos que marcam incerteza e não denunciam, diretamente, a crítica feita. Entendemos, nesse estudo, que a palavra “crítica” possui sentido casualmente científico, até porque diz respeito a um diálogo entre duas pessoas que conhecem bem um determinado assunto, cuja crítica de um, faz melhorar o trabalho do outro. Logo, nem sempre podemos garantir que há uma recíproca mediante as discussões, visto que o conhecimento pode não ser contemplado por ambas as partes. Não obstante isso, sem essa cooperação, não existe o progresso.

Ao analisarmos a categoria preconização, por sua vez, chegamos a uma breve e exata conclusão. Em eventos como o seminário, prevalece uma prática de cordialidade, advinda dos modelos tradicionais que até os dias de hoje vigoram. Segundo esses modelos, prevalece o elogio fácil, na base da camaradagem, “me ajuda aqui que eu te ajudo ali”, “não me pergunta nada que eu não te pergunto nada”. Assim, caso essas atitudes forem contrárias, provavelmente, a cordialidade e a cortesia não existirão e um conflito maior será instaurado. Além disso, o fato de ser educado e cortês garante uma boa avaliação perante a plateia, fazendo com que sua imagem seja constantemente preservada e sua relação com o público seja amigável, por isso sempre haver saudações e troca de elogios.

A ironia, se pensada segundo a perspectiva de Brait (1999), é tida como estratégia argumentativa e um aspecto constitutivo da linguagem. Grice (1982), por sua

vez, aponta uma intrínseca relação entre as máximas conversacionais e a ironia; e é esta relação que vai nos importar ao longo desse estudo. Quando trata dos casos em que a primeira máxima de qualidade é abandonada (seja irônico, dizendo o oposto do que realmente gostaria de dizer), cita a ironia. Assim, após a análise dos nossos dados, acabamos por concluir que no evento seminário o enunciador, ao proferir o enunciado irônico (violando a máxima da qualidade), sinaliza para o ouvinte que o que ele quer dizer não é, nesse caso, o que de fato disse. Assim, baseados em Grice (op.cit.), compreendemos que ironia é uma exploração da máxima da qualidade, que máxima diz que a contribuição para a conversa tem que ser verídica. Nesse caso, viola-se essa máxima, pois a pessoa está afirmando o que não pode provar.

Em face do exposto, vale notar que as primeiras observações dos dados permitiram descobertas e geraram questionamentos para pesquisas futuras. Das descobertas, cita-se a mudança de um grau mais polido para um menos polido ou vice-versa (uso de brincadeira, demonstração de interesse pelo outro, advertências, boa educação), ou seja, a mudança de mentalidade e atitude em face de um evento comunicativo formal. Dos questionamentos, o que predomina na exposição oral dos participantes, a polidez ou uma provável (im)polidez? Seriam a oralidade e a escrita um espaço propício para polidez na academia? Qual a categoria(s) de análise predominante(s) no evento? Tais descobertas e questionamentos serviram de motivação e base para o aprofundamento da análise que segue em andamento.

## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, A. M. Comunicação de má notícia e polidez linguística: a relação médico-paciente no filme *Diário de Motocicleta*. In: *II Simpósio de análise crítica do discurso e VIII Encontro Nacional de interação em linguagem verbal e não-verbal*. São Paulo, 2007.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BRONCKART, Jean-Paul. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 70.
- \_\_\_\_\_. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ, 1999.
- BROWN, Penélope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987
- KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FERNANDES, C. A. *Contribuições de Erving Goffman para os estudos linguísticos*. São Paulo, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. São Paulo: Vozes, 1985.
- KEBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia Científica*. São Paulo: Editora Atlas, 1991.
- LAKOFF, R. La lógica de la cortesía, o acuérdate de dar las gracias. In: JÚLIO, M. T. e MUÑOZ, R. (Comp.). *Textos clásicos de pragmática*. Madri: Arco/ Libros, 1998.
- VIEIRA, Ana Regina Ferraz. *Seminários Escolares: Gêneros, Interações e Letramentos*. Recife : Editora Universitária da UFPE, 2007.